

CEDI - P. I. B.
DATA 05, 08, 86
COD DED 01

DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO ENTRE OS DENÍ
AVALIAÇÃO SÓCIO-CULTURAL

Gordon Koop
Summer Institute of Linguistics, Brasil

Sherwood G. Lingenfelter
State University of New York College

Tradução de Helena V. Flor

Este papel foi traduzido para o uso dos alunos (CML - Brasil 1978). Esta matéria será incluída numa parte dum trabalho maior que está sendo preparado no momento, e não é para publicação ou circulação antes da apresentação na forma final.

CONTEÚDO

A Comunidade

O Projeto

A Comunidade e suas necessidades

O Contexto Cultural para o Desenvolvimento Comunitário dos Deni

- Fatores de Motivação
- Divisão de Trabalho
- Conceitos de Propriedade e Posse
- Organização da Comunidade e Liderança
- Interligação das relações externas

Reconsideração dos projetos CIDA

- Produção de farinha para vender
- Produção de arroz e milho
- Árvores frutíferas cítricas
- Produção de porcos
- Produção de gado

Conclusões

Apêndice- Projeto CIDA administrado por GK

Notas

Referências

Este trabalho apresenta uma análise sócio-cultural de um projeto de desenvolvimento comunitário (DC) entre os índios Dení no Estado do Amazonas, no noroeste do Brasil. As finalidades do estudo são:

1. completar um estudo intensivo da organização social e política da comunidade Dení em consideração;

2. identificar desejos e necessidades dos Dení e examinar a extensão das inovações adotadas pelos Dení no desenvolvimento comunitário para suprir suas necessidades;

3. determinar como melhor implementar os aspectos remanescentes do projeto para conseguir uma comunidade indígena auto-suficiente, com acesso ao grande mercado econômico do Brasil.

O estudo da organização social e política dos Dení foi relatado em outro trabalho (Koop e Lingenfelter, 1977a, 1977b). Este trabalho expõe os desejos e necessidades dos Dení, o contexto sócio-cultural do desenvolvimento comunitário e suas implicações na continuação de um programa de Desenvol. Comunitário.

A COMUNIDADE

Os Dení do Marrecão estão localizados a 79S 679W no rio Marrecão, cerca de uma hora rio acima por canoa, na confluência dos rios Marrecão e Cunhuá (Figura 1).

A aldeia atual consiste de 16 habitações, com a população máxima de 86 pessoas. É raro, entretanto, achar toda a população nas residências, ao mesmo tempo, pois muitos homens partem por longos períodos para trabalhar com o patrão brasileiro e alguns levam suas famílias. Os Dení têm uma longa história de mobilidade. As pessoas mais velhas podem localizar vinte diferentes aldeamentos que eles estabeleceram e depois abandonaram completamente nos 50 anos passados. Este exemplo está evidente na aldeia atual, que cresceu de 4 para 16 habitações em 4 anos.

A atração inicial das famílias Dení para esta região foi a presença de dois patrões não-índios, Chico Severino e Adriano Lopes (Figura 2). Já no ano de 1971 estes homens levaram famílias Dení rio abaixo com eles e os contrataram para coletar sorva, limpar roças e fazer outros serviços eventuais em troca de bons negócios. Em 1973, houve o estabelecimento de 4 casas no Marrecão. Quando um dos autores (Gordon Koop) visitou a aldeia pela primeira vez em 1975, sete famílias haviam construído casas aí. O autor, contando com a colaboração do SIL fixou residência na aldeia e tem estado aí periodicamente desde então.

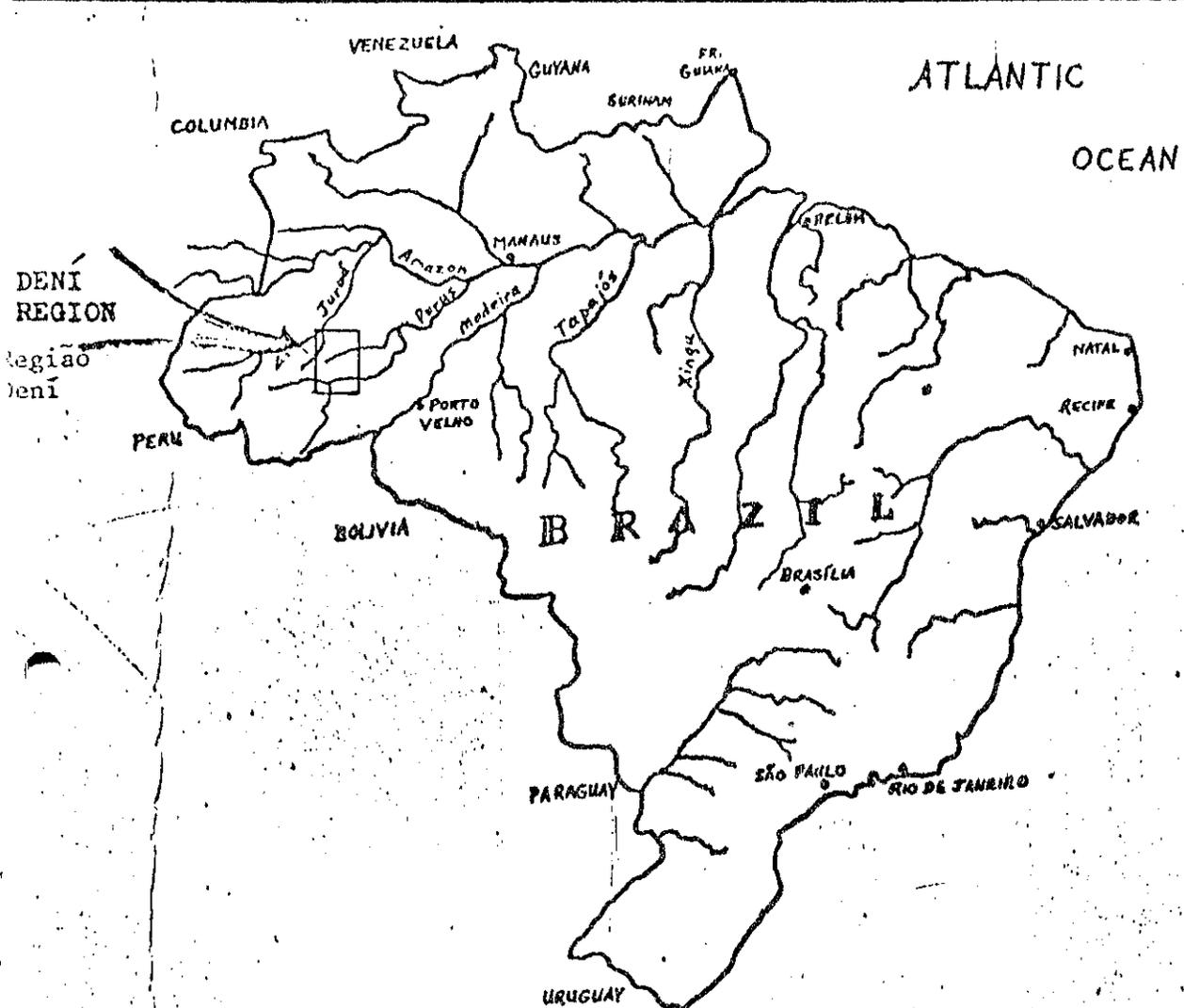
O PROJETO

Como complemento à pesquisa lingüística, parte da responsabilidade do autor (GK) foi administrar e implementar um projeto de desenvolvimento comunitário para os Dení. O projeto foi fundado pela Agência Canadense Internacional de Desenvolvimento, fazendo parte de uma doação maior para o SIL/Brasil para várias comunidades indígenas. O projeto Dení designou \$ 2.500,00 na despesa com máquinas de costura, chapas para torrar mandioca, serras de madeira, ferramentas para carpintaria e jardinagem e pequenos projetos de lavoura.

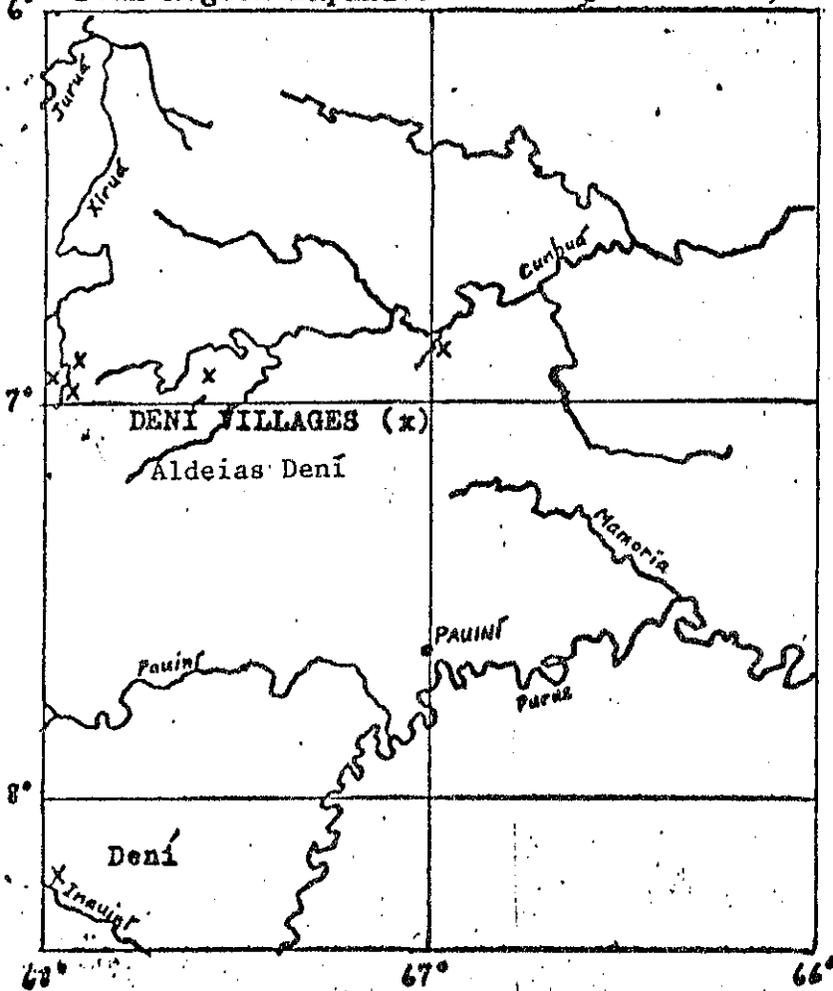
Antes de gastar estes fundos, GK discutiu os vários aspectos da proposta com os Dení. Eles expressaram muito interesse em fazer farinha para vender, bem como para consumo local, mas eles terão que aumentar suas lavouras consideravelmente, pois já estavam saindo à procura de comida. Somente uma mulher havia usado uma máquina de costura pertencente a não-índios, mas todas elas desejavam aprender a costurar. Homens e mulheres expressaram seu interesse em aumentar a variedade de frutas e de alimentos básicos cultivados na aldeia. Quando perguntados sobre qual seria sua contribuição ao projeto, os Dení concordaram em limpar uma área para a pista de avião para facilitar a comunicação com a comunidade e limpar novas roças em preparação à expansão da produção de mandioca e milho e um lote experimental de arroz em terreno seco.

A Região do Aldeamento Dení no Brasil

Figure 1. The Region of Dení Settlements in Brazil

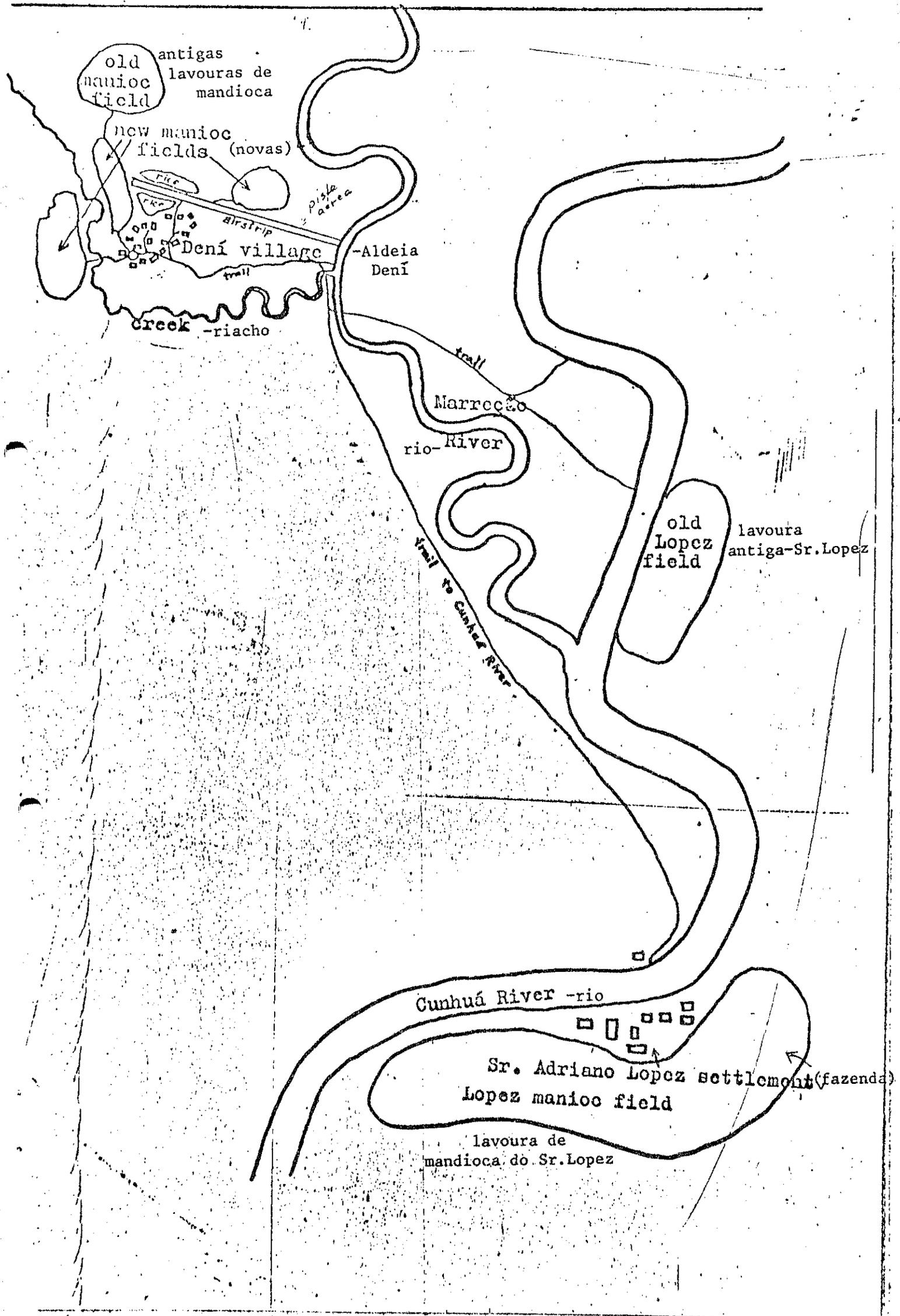


6° Dení Region Expanded A região Dení expandida



Esquema do Mapa da Aldeia Deni do Marrecão e região

Figure 2. Sketch Map of Marrecão Deni Village and Region



Quando os Dení começaram a limpar o terreno, GK achou suas ferramentas lamentavelmente inadequadas para o uso. Os terçados não possuíam cabos ou tinham lâminas quebradas. O número de machados cortantes e enxadas para plantar foi muito menor do que o número de pessoas dispostas a trabalhar. Em suma, as pessoas precisavam ferramentas básicas com as quais podiam começar a limpar as roças maiores e plantar. Parte dos fundos para o projeto foi gasto na compra destes instrumentos. (Anexo 1)

Nos dois anos seguintes, os Dení limparam 600 metros para a pista de avião, limparam e plantaram três roças, totalizando 6,8 hectares. No mesmo período, GK introduziu os seguintes artigos:

- 1 máquina de costura
 - roupa, noções de costura
- 2 chapas para torrar farinha
- 1 máquina de ralar mandioca
- 3 serras de madeira
 - ferramentas para limpeza e jardinagem
 - " de carpintaria
- 1 moedor de grão
- 1 descascador de arroz
 - semente de arroz
 - " de milho
- 28 enxertos de laranja, tangerina e abacates

A máquina de costura teve sucesso imediato. Após duas semanas de instruções quanto ao uso da máquina, 6 mulheres estavam costurando muito bem. Roupas são indispensáveis nessa região do Marrecão por causa da praga incessante do pium e dos mosquitos. Os mosquitos atacam principalmente na aldeia, nas roças abertas e nos rios. A roupa dá proteção contra os mosquitos e os Dení vestem qualquer coisa que conseguem para cobrir seus corpos. A máquina é usada diariamente tanto para remendar e refazer roupas velhas ou fazer novos artigos de roupa usada.

O ralador é usado quase que diariamente na aldeia. As chapas para torrar são também usadas periodicamente para torrar mandioca para consumo doméstico.

As novas lavouras, entretanto, ainda não começaram a produzir adequadamente quantias para produção comercial.

O lote experimental de arroz teve um estupendo interesse dos Dení. Eles gostaram tanto do arroz que tiveram dificuldades em reter semente suficiente para plantar novamente no próximo ano. Entretanto, problemas de utilização do solo, rotação de culturas e fertilidade a longo prazo ainda deverão ser estudados e a viabilidade do arroz ser um complemento à mandioca permanece aberta. Os Dení também expandiram sua plantação de milho, com resultados semelhantes e problemas.

As árvores frutíferas estão crescendo, mas ainda não estão produzindo.

As ferramentas introduzidas têm sido usadas amplamente pelos Dení, o dinheiro gasto foi muito bem empregado, pois as ferramentas têm sido muito úteis. Um rebolo é usado diariamente para afiar terçados, facas e machados. Usando as ferramentas de carpintaria, os Dení têm feito melhoras significativas nas suas casas. A serra de madeira tem sido a menos utilizada por causa da falta de conhecimento técnico e experiência para afiá-la. O moedor tem uma falha técnica, por causa da má qualidade de fabricação. O descascador de arroz tem sido eficiente desde a 1ª colheita.

As ferramentas de carpintaria introduzidas pelo projeto CIDA tem estimulado diretamente a construção de canoas de troncos. Historicamente, os Dení usaram canoas de casca que tinham duração curta de cerca de 1 mês. Os homens têm observado os não-Índios fazerem canoas de tronco, mas sentiam a falta de ferramentas para fazer suas próprias. Desde que as ferramentas do projeto CIDA foram entregues, os Dení têm construído 5 canoas de tronco que usam para pescar e no transporte para o trabalho e negócios com não-Índios.

Dois aspectos do projeto ainda estão aguardando solução: 1. a introdução de porcos, 2) a introdução de gado. Com fundos do projeto, GK adquiriu duas novilhas que estão sendo tratadas na fazenda experimental do SIL em Porto Velho. Foi proposto que as primeiras crias serão levadas aos Dení depois que elas estiverem desmamadas e colocadas na pastagem, provavelmente em princípios de 1978. Também foi proposto que os porcos serão introduzidos em junho de 1977.

Nas páginas restantes deste trabalho, nós reavaliaremos as necessidades dos Dení e o real e potencial impacto deste projeto de D.Comunit. vindo de encontro à essas necessidades. Em particular, nós queremos destacar a relevância da cultura e organização social Dení na resolução de problemas específicos nos projetos implementados e pendentes. Finalmente, nós concluiremos com recomendações para outros projetos de desenvolvimento comunitário entre os Dení.

A COMUNIDADE E SUAS NECESSIDADES

A aldeia do Marrecão é diferente em diversos aspectos. O 1º e mais importante é a pista de pouso. Os Dení não gostam de permanecer muito tempo em um só lugar. A pista muda isto. Pessoas têm dito a GK em diversas ocasiões que se ele não continuar retornando à aldeia por avião, eles partiriam. Eles se queixam dos maus espíritos locais e dos mosquitos. Alguns dizem que querem retornar ao seu velho território, acima do Cunhuá, outros dizem que querem morar mais perto do seu patrão não-Índio. Entretanto, contanto que a pista continue a fornecer uma ligação direta com remédios, bons negócios e outros contatos com os de fora, eles permanecem na aldeia.

Esta ligação também tem criado um patrão, como a relação de dependência entre o lingüista (GK) e os Dení. Os Dení dizem: "Você nos traz remédios, nos traz bons negócios, você nos contrata para trabalhar na pista, você vende nossos artefatos. Você é nosso patrão." Enquanto GK não considera essa dependência como ideal, ele contudo existe e quando é negada, causa risos à vontade por parte dos Dení.

Para eles, somente os cuidados médicos gratuitos são razões suficientes para ficar, além de terem um mercado de artes tradicionais, carne e trabalho que não conseguem vender totalmente ou imediatamente aos comerciantes do rio. Eles também conseguem quantias maiores das coisas que desejam, em troca do trabalho feito, pois eles podem comer das suas próprias lavouras. Quando eles se deslocam para trabalhar com outro patrão, o custo da comida consome muito do seu salário, deixando pouco para as necessidades. O patrão do Cunhuã pode conceder amplo crédito, mas o resultado final é uma dívida que se repete (rotativa), que raramente é saldada.

A não ser que estes incentivos sejam removidos, os Dení do Marrecão têm se estabelecido numa aldeia mais ou menos permanente. Tal povoamento, entretanto, terá numerosas implicações inesperadas. Os problemas surgem das estratégias básicas para a adaptação. Essas estratégias são ajustadas a curtos períodos de residência, geralmente não mais do que 5 ou 6 anos. Por exemplo, a pachuba (tira da palmeira) é usada pelos Dení para o assoalho da casa e paredes. Após 3 ou 4 anos, a pachuba abaixa e não pode suportar o peso dos adultos. Eles tiram o assoalho velho e cortam um novo. Entretanto, o suprimento de pachuba nessa área é muito limitado e as pessoas têm cortado palmeiras muito novas para usar no assoalho. Eles geralmente dão pouca atenção à conservação ou substituição deste recurso. A experiência passada diz que quando os recursos estão esgotados, eles se deslocam a outro lugar onde há abundância.

O mesmo princípio se aplica às lavouras. As lavouras Dení não estão sempre carpidas. A mandioca é replantada e ela é usada até que a plantação se torne impraticável. Estas lavouras, onde também são plantados batata-doce, cana de açúcar, milho, bananas, abacaxi e mamão, serão cultivadas durante o período de três anos. Após o 3º ano, a lavoura geralmente está coberta de vegetação tão densa com capoeira e ervas daninhas, que é abandonada. Tais práticas de plantação são ecologicamente corretas, permitindo um rápido reflorestamento da terra e conservação dos nutrientes do solo. Entretanto, elas são atribuídas à baixa densidade da população, que se desloca à área imediata em redor da aldeia que está toda plantada. Todavia, o recurso mais rapidamente esgotado é a caça. Muito antes dos Dení terem limpa-do a floresta em torno deles, eles têm caçado ao ponto de não ser mais possível satisfazer sua fome pela carne. Na área contígua ao Marrecão, os Dení têm um suprimento abundante de peixe, de janeiro a junho, mas o suprimento de carne tem caído abruptamente no último ano. GK tem observado períodos de duas semanas em que os homens têm falhado em matar algo, de modo geral. Antes de fixar residência nos rios, perto do seu patrão, os Dení têm se deslocado repetidamente para uma região de melhores caças. O novo interesse na troca de mercadorias e no desempenho de trabalho aos não-índios para pagar essas mercadorias têm restringido a liberdade dos deslocamentos.

A pista aérea de 600 metros faz com que haja permanência na aldeia e maior restrição quanto aos deslocamentos para fora da mesma.

Enquanto os Dení estão fixando residência, sua população está crescendo rapidamente. A maior parte do crescimento (do aumento) da aldeia está pronto a emigrar. Entretanto, a população da aldeia é muito jovem. Calculando o máximo da população em 86 pessoas, 53 (61,6%) estão abaixo dos 20 anos de idade, 24 (27,9%) estão abaixo dos 40 anos e ainda estão concebendo filhos e somente 9 (10,5%) estão acima dos 40. Essas pessoas jovens já se acostumaram a vestir roupas dos não-índios, a carregar água em vasilhames de alumínio, a cozinhar e comer em panelas de alumínio, a caçar com espingardas, a trabalhar com ferramentas de aço, a dançar ao som da música na vitrola e a conversar à luz das lamparinas.

As necessidades dos Dení do Marrecão devem ser definidas em termos dos seus desejos conscientes e em termos de conseqüências inconscientes na procura daqueles desejos, tanto no trabalho para não-índios ou nas vendas dos produtos, artefatos e no trabalho para GK. A necessidade para a troca de mercadoria é a mais evidente. Facas, terçados, machados e outras ferramentas de aço são essenciais à produção de alimentos. A manufatura de cerâmica está extinta e a habilidade também já foi esquecida. Os utensílios de cozinha também são essenciais. A praga do piú e dos mosquitos torna as roupas e os mosquiteiros artigos indispensáveis, bem como o sabão se torna necessário para limpá-los periodicamente. A espingarda também substituiu completamente o arco, a flecha e a zarabatana para a caça, requerendo um suprimento contínuo de pó, balas de chumbo ou cartuchos. Complementando suas necessidades, os Dení desejam motores para suas canoas, balas, doces, açúcar e café para suas famílias; vitrolas, discos e rádios para seu entretenimento.

A 2ª área de necessidade dos Dení se refere à saúde. Eles estão particularmente interessados em remédios que curam. Malária, vermes, ameba, tuberculose, resfriados, pneumonia, infecções e mordidas de cobra são problemas constantes entre os Dení. GK tem dado uma variedade de medicamentos e tratamentos, diariamente, enquanto está residindo na aldeia. Ao mesmo tempo, os Dení não sabem como prevenir a doença e nem o valor da comunidade sadia e cuidados higiênicos no lar. O tratamento, muitas vezes, fornece somente alívio quando as pessoas são re-infeccionadas rapidamente por causa das más instalações sanitárias.

Outra área de preocupação crescente dos Dení é a saúde mental. Quanto maior a aldeia tem se tornado, tanto maior a freqüência de conflitos e brigas. As ausências periódicas dos homens coletando sorva ou fazendo outro trabalho para comerciantes não-índios causa fortes tensões na aldeia. Sua ausência coloca maiores tensões nos homens que ficam em casa, pois precisam fornecer um suprimento adequado de carne e causa tremendos atritos entre as mulheres por causa das tentativas reais ou suspeitas das "viúvas" temporárias para ter relações sexuais com os maridos das outras mulheres. Os homens, em particular, queixam-se da constante maledicência na aldeia. Como aumenta a aldeia e também o número de maridos ausentes, aumenta o conflito potencial, ansiedade e hostilidade dentro da aldeia, com um tributo óbvio do bem-estar mental dos membros da comunidade.

Os Dení também expressaram preocupação em ter um suprimento mais seguro de alimentos. Visando tal finalidade, eles obtiveram frangos e galinhas dos não-índios e agora diversas mulheres Dení tem muitas ninhadas de pintos. O seu cuidado, entretanto, a estas aves é mínimo. As mulheres as colocam em abrigos fechados, de troncos de árvore para protegê-las durante a noite, mas, durante o dia, elas são deixadas soltas para ciscar sua própria comida. Os Dení também cultivaram cebola, pimenta, abóbora, cabaças e lima. Alguns Dení já pediram a GK trazer-lhes porcos e têm trabalhado para ajudar no custo do transporte dos mesmos.

Um levantamento da dieta Dení durante um período de 7 dias, indica que a mandioca sem dúvida é a maior fonte de alimento. Foram pesquisadas 10 residências, todas tiveram mandioca pelo menos duas ou também 3 vezes ao dia. Somente uma família adicionou arroz à sua dieta alimentar. Algumas pessoas disseram que em 2 dos 7 dias, eles não tiveram carne alguma e acrescentaram sopa de fruta ou mingau de milho à mandioca. Em 3 dias, a maioria teve peixe num destes dias. A caça esteve escassa até o dia final do levantamento, quando os homens foram a uma caça prolongada durante uma festa e mataram diversos macacos, um porco do mato e um peru selvagem.

O clamor por mais carne parece que foi concretizado por esta pesquisa.

Para vir de encontro à extensão destes desejos e necessidades, os Dení já foram levados a fazer mudanças no seu meio de vida. Essas mudanças- trabalhar por salário, mais aldeamentos permanentes, maiores comunidades- provocaram novos problemas que os Dení não estão aptos a resolver. Eles não desenvolveram estratégias de economia agrícola e pecuária que podem sustentar durante longo período comunidades densamente povoadas. Eles não desenvolveram práticas de educação sanitária e medicina preventiva que podem minimizar a potencialidade das doenças epidêmicas em tais comunidades. Eles contudo não compreenderam a possibilidade da falta de recursos e a necessidade de aproveitamento e conservação seletivos. Finalmente, o seu mecanismo anterior de controle social e solução de conflitos são inadequados para lidar com muitas pessoas somente marginalmente associadas (os não-índios).

Os objetivos do desenvolvimento comunitário para os Dení devem confrontar os problemas dos desejos e necessidades dos mesmos e os problemas gerados pelas mudanças sócio-econômicas necessárias para criar os recursos para alcançar esses objetivos.

Os últimos (atuais) problemas são mais difíceis de resolver do que os antigos, porque eles exigem mudanças nas estratégias fundamentais, sociais e culturais. Uma consideração cuidadosa da estrutura sócio-cultural que gera as presentes estratégias dos Dení é portanto uma introdução necessária para um programa e inovação e mudança.

O CONTEXTO CULTURAL PARA O DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO DOS DENÍ

Fatores de motivação

O principal centro da vida social dos Dení são as festas. Eles plantam grandes lavouras, assim eles terão abundantes suprimentos de mandioca, macaxeira, batata-doce e cana de açúcar para as festas. Eles caçam grandes animais para poderem festejar com a carne e gabar-se frente a comunidade toda da bravura de sua caça. Eles fazem roupas novas, assim eles podem enfeitar seus corpos nas festas e impressionar os outros da aldeia pela sua elegância e beleza. Os homens trabalham durante 2 dias cortando côcos e pescando nos rios para conseguir abundância de frutas e carne para a festa. As mulheres trabalharão longas horas tirando, ralando e torrando mandioca, socando e deixando de molho côcos e preparando outros vegetais para a festa.

Não é exagero dizer que os Dení vivem de festa em festa. Se uma semana passa sem festa, as pessoas começam a queixar-se ao chefe: "Por que você não realizou uma festa! Você não é um bom chefe! Você não realiza festas suficientes!" As mulheres, de modo particular, querem festas, porque são a única interrupção na vida monótona existente na aldeia. Entretanto, elas não são de menos importância aos homens. A alegria é compartilhada nas boas conversas, comidas, brincadeiras, cantos e danças. Tudo isso faz parte da festa. O conceito Dení para as festas (ima amusinaha) significa literalmente "prolongação da boa conversa".

Uma das perguntas-chave dos Dení, considerada enquanto se discutia desenvolvimento comunitário é se as inovações propostas poderão aumentar ou diminuir tais festas. Os propósitos do D.C. devem visá-las, especificamente para esse fim. Os Dení estarão positivamente inclinados visando os projetos que promovam suas festas, mesmo que trabalhos árduos sejam necessários. Trabalho árduo na organização de festas é uma energia bem gasta.

Outro aspecto importante da cultura Dení é o casamento. Não se concebe que a menina Dení que está se aproximando da puberdade não se deva casar e começar a ter filhos, tão logo for possível. Os casamentos são combinados pela família da menina, antes que ela tenha sua primeira menstruação. Esses casamentos são notavelmente estáveis. De 40 indivíduos que se casaram na aldeia Marrecão, somente 14 estão divorciados. Dois destes 14 estiveram casados somente durante poucos dias e uma foi a 2ª esposa e muito jovem, por isso seu pai a levou para casa. Isto significa que 72% dos indivíduos casados na aldeia tem tido longos e estáveis matrimônios, apesar do fato de que relações extramatrimoniais são comuns. A escassez de mulheres casadoras é um fator crítico nessa estabilidade. Um homem que se divorcia da sua esposa pode passar um longo período procurando outra. Outro fator é que os Dení estão profundamente preocupados pela segurança de suas crianças e uma vez que há crianças, eles raramente pensam no divórcio.

O problema da tensão familiar e da comunidade pronta a emigrar em busca de trabalho já tem sido discutido. GK observou que divórcios recentes têm sido causados por longos períodos de ausência dos maridos. Oportunidades econômicas que não

querem separações temporárias da esposa e família são preferidas, mas nem sempre à disposição da maioria dos Dení.

Um 3º fator de motivação na cultura Dení é o amor e a paixão pela caça. Entre os homens, a caça é o assunto primordial na conversação e o elemento principal é o papel do homem. Se por alguma razão, um homem não pode caçar e está confinado à aldeia, ele perde o respeito tanto dos homens, quanto das mulheres. Um homem que não sabe caçar se iguala a uma mulher. Ele permanece constantemente em volta da aldeia, se envolve na conversa e argumentação das mulheres e em breve é fonte de contenda e disputa. Caçar é a maneira do homem escapar ao tumulto da vida doméstica. Na floresta, ele está sozinho na vasta solidão para mostrar sua bravura contra os animais selvagens, melhor do que contra seu irmão e amigo. Quando os homens estão zangados ou lamentando a morte de um parente ou filho, eles desaparecem na floresta. As mulheres, ao contrário, gritam em voz alta entre si na aldeia e lamentam em coro, expressando sua tristeza.

Os propósitos do Desenvolvimento comunitário que exigem novos papéis dos homens entrarão em desentendimento com essas diferentes orientações para homens e mulheres. Os homens não estão nem acostumados e nem desejam passar seus dias perto da aldeia, onde as mulheres e crianças são presenças constantes. Eles se aborrecem rapidamente dos mexericos e argumentação que são rotina da vida feminina e procuram a fuga e solidão da floresta. Novos papéis que faltam para permitir essa "necessidade" básica dos homens podem ocasionar conflito interno maior e virem a ser mais destrutivos do que desenvolvimentistas para a estrutura da vida comunitária. No passado, as mulheres diminuíam as suas agressões discutindo umas com as outras, nas lutas e puxando o cabelo dos homens. De outro lado, os homens ou fugiam para a floresta ou se empenhavam no combate, resultando morte e animosidade. Os Dení ainda se recordam das hostilidades do passado e às vezes prepararam suas armas quando recebiam notícia de que um inimigo antigo estava na vizinhança.

Divisão de Trabalho

A divisão básica de trabalho da sociedade Dení sugere a dicotomia homem/mulher, floresta/aldeia. O domínio do homem é a floresta aberta e seu papel econômico é a essência desse domínio. O homem mata a caça na floresta e brejos; ele pesca nos lagos e rios. Ele sobe em árvores para colher frutos silvestres ou ele corta as árvores e deixa as mulheres coletá-los. Ele corta madeira para limpar uma área para construir casas da aldeia, fazer lavouras de mandioca e para conseguir madeira para construir sua casa ou canoa. Antes que os Dení começaram a caçar com espingardas, eles mesmo faziam suas flechas na floresta para evitar o mau olhado que viria, se as mulheres as vissem.

Homens e mulheres trabalham juntos em alguns serviços, como construção de casas, roçando para fazer lavouras e plantando-as. Além disso, obrigações domésticas estão no domínio das mulheres. As mulheres produzem filhos e hortaliças. Elas colhem qualquer coisa que foi plantada, incluindo mandioca, batata-doce e bananas. Os

homens trazem à elas a caça ou peixe e então, as mulheres os distribuem de acordo com o parentesco e outros laços na aldeia. Elas preparam a comida e alimentam seus maridos e filhos. As mulheres cuidam das galinhas e frangos da aldeia e consideram-nos como seus próprios. As mulheres declaram que os cachorros são seus, mas consentem que o homem os use na caçada.

Sendo que muito do D.C. proposto aos Dení refere-se tanto à economia agrícola ou pecuária, esta divisão tradicional de trabalho é de fundamental importância. Os homens estão acostumados e dispostos a limpar o terreno, construir casas e mesmo plantar. Mas alimentar animais, carregar água e cuidar dos pequenos são serviços femininos. Deve-se dar particular atenção à divisão do trabalho e à relação competitiva entre homens e mulheres. Os novos papéis devem ser distribuídos, quando eles se assemelham aos costumes já aceitos pelos Dení, permitindo contudo que homens e mulheres produzam produtos numa base relativamente equivalente.

Conceitos de Propriedade e Posse

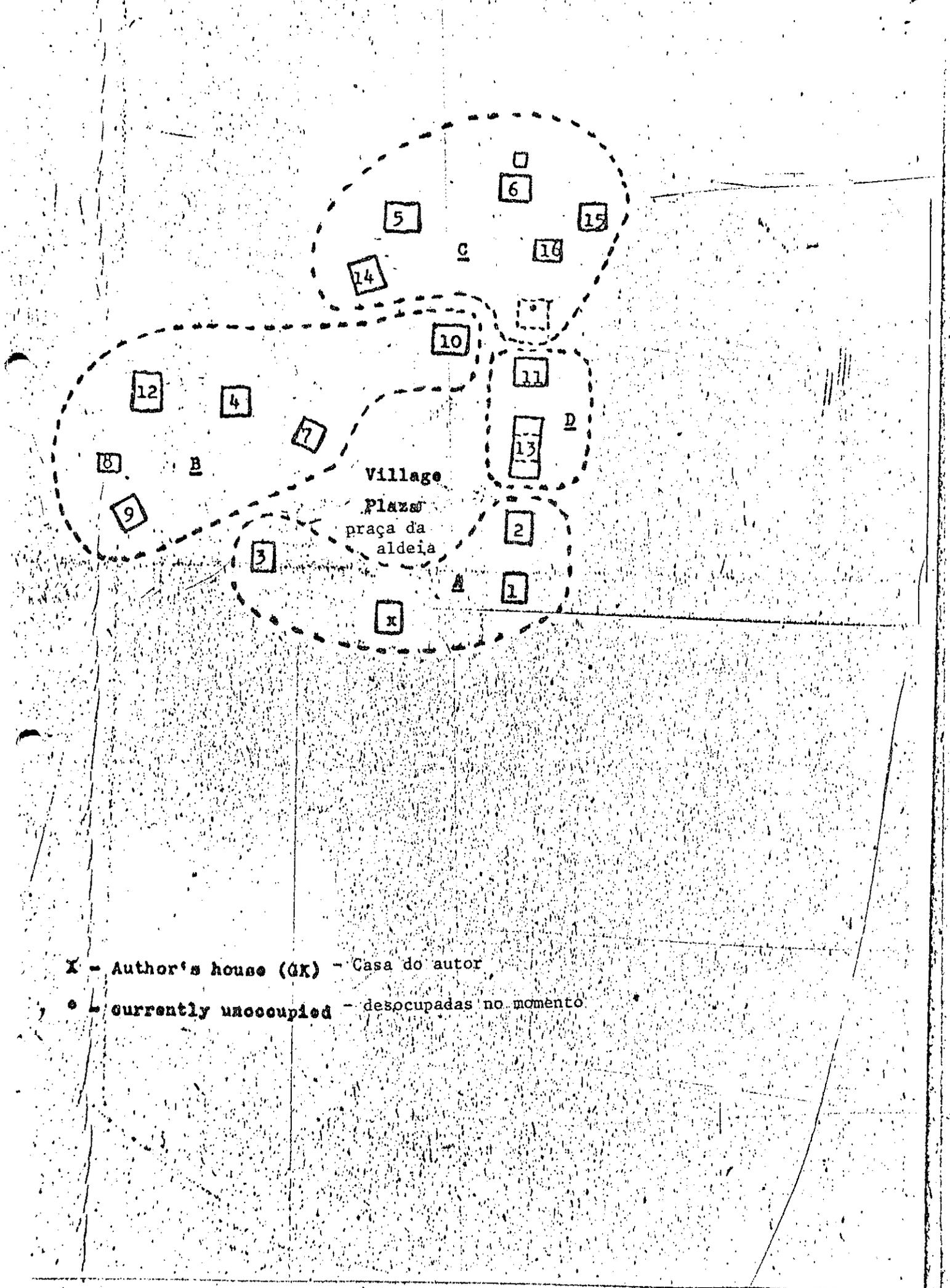
Durante a administração do projeto CIDA aos Dení, designou alguns artigos, tais como as grandes chapas de torrar farinha ou o ralador de mandioca como propriedade da aldeia. Pouco tempo depois, os homens perguntaram a quem pertenciam estes artigos. GK disse-lhes novamente que pertenciam a todos, pertenciam à aldeia. Os homens riram, sacudiram suas cabeças e desistiram do assunto. Algum tempo mais tarde, o pajé da aldeia disse que ele tomaria um dos torradores de mandioca como seu. O chefe de uma das aldeias disse que levaria o outro e o outro chefe disse que estava levando a máquina de costura e o descascador de arroz, e assim por diante. Em resumo, o conceito de posse da aldeia é totalmente estranho ao conceito de propriedade dos Dení.

Alguma coisa à qual a pessoa dedicou trabalho produtivo pertence a essa pessoa. Se o homem achar uma árvore na floresta, que ele pretende usar para a construção duma canoa, é sua por causa do trabalho gasto em achá-la. Ele comunica à aldeia de que árvore ele está falando e ninguém tentará usá-la.

Este princípio se confirma em relação à toda a propriedade Dení. O homem que começou a limpar uma parte da floresta para a roça, esta lhe pertence. Ele pode decidir e dar partes do terreno às pessoas que o ajudaram, mas ele também pode conservá-lo para si mesmo. Um homem que faz uma flecha ou compra uma cartucheira, a ele pertence o artigo e qualquer coisa que ele mata. Se outro usa sua flecha ou cartucheira, ele deve dividir a presa. Uma mulher que planta uma lavoura de mandioca ou uma árvore de mamão, a ele pertence a lavoura e a árvore. Não há diferença quanto as ferramentas introduzidas pelo projeto CIDA. Por causa da contribuição de trabalho na construção da pista de avião e outras melhores na comunidade, eles se sentiram como proprietários das "ferramentas da comunidade".

GK também descobriu que as ferramentas que não possuem um dono específico não são adequadamente cuidadas. As serras da "comunidade" foram deixadas na chuva e enferrujaram e outras ferramentas freqüentemente estavam perdidas. "Propriedade comunitária" é completamente ineficiente entre os Dení.

Figure 3. Map of Village Family Clusters
Mapa dos agrupamentos familiares da aldeia



X - Author's house (GX) - Casa do autor
 • - currently unoccupied - desocupadas no momento

O processo costumeiro de fazer decisões na aldeia Marrecão ocorre na praça da aldeia, de madrugada. Enquanto as famílias ainda estão nas redes, o chefe ou outro homem faz a sugestão de uma atividade cooperativa. As opiniões são expressas indo e cruzando a praça da aldeia, até que se tenha chegado à uma conclusão. Esses que estão interessados e defendem o propósito, o seguem por meio de ações apropriadas durante o dia. Outros que possuem opiniões divergentes seguem o seu próprio caminho.

Muitas vezes esse processo é curto, girando em torno de discussões preliminares informais. Durante o dia anterior, uma atividade pode levantar problemas e as pessoas presentes discutirão o que deve ser feito. Se as pessoas chegam a um acordo, querendo tomar alguma atitude, eles passam a palavra informalmente a outros no seu agrupamento familiar. Na manhã seguinte, cada um já pensou no que ele fará. Entretanto, o chefe anunciará da sua rede o que foi discutido e chama as pessoas para fazer as atividades planejadas para aquele dia. Aqueles que querem acrescentar comentários e opiniões contraditórios podem fazê-lo, mas o planejamento permanece essencialmente o mesmo como decidido anteriormente.

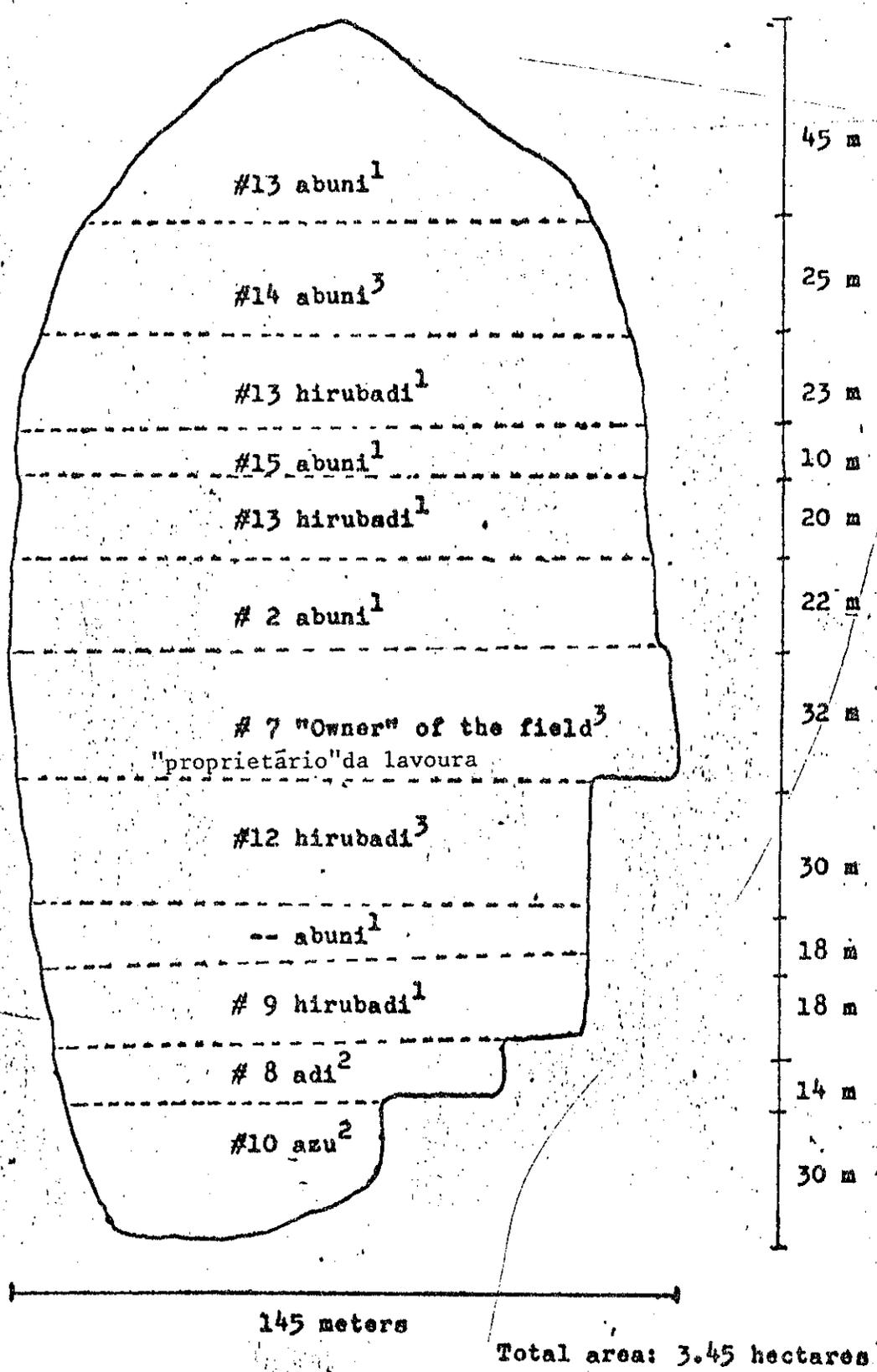
Às vezes, o chefe pode agir sozinho fazendo uma proclamação à aldeia do que deve ou não deve ser feito. Geralmente essas proclamações são admoestações ao povo para seguir os já aceitos ideais para as relações peculiares à comunidade. São raramente o chefe correrá o risco de anunciar outras atividades a não ser festas, sem primeiro verificar a opinião pública. O papel do chefe Dení é liderar e não impor. As pessoas pedem aos chefes planejamentos positivos e dinâmicos, mas se recusam a segui-los, a não ser que eles apoiem o plano.

O planejamento para o desenvolvimento da comunidade deve ser centralizado numa organização básica da aldeia e aceitar os métodos quanto ao modo de fazer decisões. O tradicional planejamento Dení é para períodos muito curtos e os retornos precisam ser imediatos. Os planejamentos para períodos maiores são feitos para limpar terrenos (roças), uma atividade que dura vários meses. Um homem velho dum agrupamento familiar inicia o projeto declarando no forum pré-matinal que pretende limpar uma determinada parte da floresta para fazer sua lavoura. Ele e sua família iniciam então o longo processo de roçar. De tempos em tempos, ele chamará, para ajudá-lo, pessoas do seu agrupamento e outros da aldeia, mas eles não participam no planejamento do trabalho. O "proprietário" da roça organiza a limpeza. Quando chega a época de cortar as árvores, ele conta o seu plano à aldeia e comunica que qualquer que deseje uma parte da lavoura ou sua ajuda nas lavouras dele, deve vir e ajudá-lo no seu trabalho.

O planejamento do Desenvol. Comunitário deve seguir esse modelo básico. Projetos devem ser "propriedades" e também devem ser organizados por um homem idoso dum agrupamento familiar. Esses projetos devem ser de curto prazo e oferecer retornos bem imediatos. Por exemplo, uma lavoura começa a produzir mandioca dentro de 8 meses. Se é necessário trabalho cooperativo, o trabalho deve ser retribuído, pelo menos com trabalho recíproco e talvez melhor, com uma divisão especificada do produto. (Figura 4)

Lavoura de mandioca do agrupamento B- divisões feitas de acordo com família e vínculos de parentesco relacionados ao "proprietário"

Figure 4. Cluster B's Manioc Field: Divisions Identified By Household and Kinship Ties to "Owner"



Notes:

- 1. Chopped trees - corte de árvores abuni (B-in-law, cross cousin) → cunhado, primo
- 2. Cleared brush - limpeza de capoeira hirubadi (S-in-law, ZS) → genro
- 3. Chopped trees and cleared underbrush - corte de árvores e limpeza de arbustos adi (EZ)
- azu (EB)

Planejamento a longo prazo (além de 1 ano) e planejamento total do projeto são alheios à prática Dení. As pessoas planejam suas atividades caseiras, dia a dia, com exceção da limpeza e cultivo. O chefe planeja as atividades festivas dentro de 1 ou 2 dias. Os não-índios instituíram um planejamento a longo prazo para a coleta da sorva ou serrando madeira, mas os Dení muitas vezes alteram esses planos quando outras atividades se tornam mais atraentes.

Para o programa de desenvolvimento comunitário alcançar sucesso deve ser planejado como uma série de atividades a curto prazo, tendo objetivos imediatos e retornos. Na implementação dos projetos de curta duração, deve ser possível prever um período de tempo mais longo. Isto não quer dizer que os planejadores precisem olhar somente aos períodos curtos. Quase ao contrário, é absolutamente essencial fazer planejamentos a longo prazo. Entretanto, eles não podem esperar que os Dení tomem a sério esses planejamentos, até que tenham sido educados para fazer satisfatoriamente atividades e novas experiências a curto prazo.

O padrão informal de fazer decisões talvez prove ser o mais prático para iniciar e implementar projetos. Usando esse método, os planejadores do projeto conduzirão diversas discussões informais sobre os propósitos, com os homens mais velhos nos seus respectivos agrupamentos familiares. Esses homens continuarão as discussões entre eles durante 1 dia ou dois, e então comunicam aos planejadores o que decidiram fazer. Serão necessárias discussões, mais adiante, sobre os aspectos técnicos do planejamento e o fórum pré-matinal da aldeia deverá se mostrar útil neste aspecto. É importante enfatizar novamente que os agrupamentos familiares, não a aldeia, são as formas de fazer decisões comunitárias do trabalho e sua distribuição.

Os Dení já se acostumaram a aprender dos de fora. Eles utilizaram numerosas idéias e técnicas do patrão não-índio para quem trabalham. Entretanto, não aprenderam estas coisas em situações de sala de aula. O seu aprendizado se baseia na experiência prática das relações de trabalho do dia-a-dia. Os Dení são receptivos às novas idéias das pessoas, mas não crêem nas novas técnicas até que vêm algum motivo prático para aceitá-las. É essencial que conselheiros de fora trabalhem com os Dení na introdução de novas habilidades técnicas e os guiem na aplicação repetida das técnicas até que os Dení as tenham aprendido e possam fazê-las independentemente.

A interligação das relações externas

Os Dení do Marrecão não são uma comunidade isolada. Eles imigraram originalmente a esta região para trabalhar para o patrão não-índio. Estes relacionamentos perduram até hoje e têm tido impacto contínuo na vida rotineira dessas pessoas. Os propósitos do desenvol. comunitário, não levando em conta os deveres, obrigações, contratos e interesses que abrangem a interligação de relações externas, certamente serão mal concebidos.

O mais importante círculo de obrigações e interesses é entre o patrão (empregador) e seu freguês (cliente/empregado). Dos 24 homens Dení residentes na região do Marrecão, somente 3 não tem 1 relacionamento direto com o patrão. Cada um

destes 21 homens tem feito tantas dívidas na compra de artigos dos regatões, a crédito, e por isto é obrigado a trabalhar para o patrão certo período do ano para saldar aquelas dívidas. O patrão, por sua vez, faz contratos com os regatões que os suprem com artigos manufaturados em troca de muita sorva, toras de madeira ou outros produtos florestais.

A interligação das relações comerciais é complexa. Um patrão não-índio dos Dení pode ter diversos patrões próprios com quem está endividado, por isto ele depende do trabalho dos Dení para saldar seu próprio débito, tendo que suprir os Dení com as mercadorias que desejam. Como consequência, o patrão precisa conservar os Dení endividados com ele. Isto não é difícil, pois o Dení deseja distinguir-se na sua habilidade de comprar. Além disso, apesar de muitos levarem os homens para longe das suas casas e lavouras, eles precisam comprar a comida do patrão, enquanto estão trabalhando lá. Desta maneira, eles consomem em comida boa parte do que recebem como pagamento com o trabalho migratório.

Os Dení usam o sistema de patrão tal e qual o seu patrão o usa. 15 dos homens Dení têm dois patrões com quem estão endividados e 1 homem tem três. O Dení que tem 3 patrões também é patrão e tem 5 outros homens Dení que estão endividados com ele e que trabalham para ele. Um outro Dení é patrão, tendo 2 homens empregados e que também lhe devem. Os Dení ultrapassam o crédito mais do que seu patrão permitiria, e depois pagam o mais devagar possível. Muitos trabalham para pagar seus débitos, assim eles podem comprar mais, mas alguns se recusam a trabalhar, até que o patrão os ameace levar à polícia.

A principal desvantagem que os Dení tem neste sistema é a completa falta de compreensão do dinheiro e seu papel na definição do valor relativo às mercadorias e serviços. Muitas vezes são vítimas deste sistema principalmente por esta razão. Eles não compreendem quanto do seu salário foi gasto na comida, nem a proporção do seu débito e o tempo necessário ou a quantia de sorva, que serão necessários para saldá-lo. Nem mesmo o patrão Dení sabe somar e subtrair e nem tem compreensão dos valores necessários para fazer suas próprias contas. Eles dependem do patrão não-índio para fazer seus cálculos.

Uma necessidade básica no desenvolvimento comunitário dos Dení é treinamento matemático simples e o uso do dinheiro. Sem este conhecimento, a produção de farinha ou a colheita de outro produto para vender não resultará numa maior auto-terminação, mas somente aumentará o consumo e o débito.

Diversos regatões com grandes canoas fazem viagens regulares Cunhuá acima e oferecem uma alternativa ao sistema de patrão. Esses regatões vendem aos Dení à vista. Se um Dení tem farinha, sorva ou dinheiro, ele pode comprar as mercadorias do comerciante no valor equivalente. Pouquíssimos Dení tem dinheiro ou produtos negociáveis à mão, entretanto, comprando a crédito do patrão isto satisfaz melhor seus desejos e necessidades.

Paraná indígena!

Os objetivos do Desenvolvimento Comunitário devem estar ajustados às au sências periódicas dos homens Dení. Além disso, o DC para os Dení não deve visar a eliminação do sistema de patrão, a não ser que inclua o seu patrão não-índio imediato, cuja condição relativa de pobreza não é menor do que a dos Dení. Melhor do que 'suprimir o sistema de patrão, um sistema objetivo mais funcional será necessário para expandir as alternativas Dení dentro do sistema e educá-los nos valores monetários básicos e de troca, a fim de permitir-lhes avaliar adequadamente a extensão das suas obrigações e modificá-las, se o quiserem. SE a independência econômica Dení se torna um objetivo viável a longo prazo no desenvolvimento comunitário, os não-índios locais devem ser incluídos, tanto no planejamento como na implementação do programa, de tal modo que a comunidade regional possa desenvolver novos padrões de interdependência e econômica.

Um outro aspecto da interligação externa dos Dení ^{que} merece consideração é a relação dos Dení do Marrecão com outras comunidades Dení. Os Dení do Marrecão não são os únicos no seu modo de viver nômade. Nossos ajudantes lingüísticos nos dizem 'que os Dení geralmente não permanecem no mesmo local mais tempo do que 5 ou 6 anos . Além disso, residentes "fixos" numa aldeia podem partir subitamente e moradores "tem porários" podem tornar-se, dentro de breve, permanentes. A aldeia Marrecão existe na sua composição atual há menos que um ano. As possibilidades de que continuará da mes ma forma, durante outro ano, são altamente improváveis. Duas famílias decidiram fazer pouco viajar 5 dias Cunhuá acima para visitar outra aldeia Dení durante alguns meses. Tais visitantes tornam-se muitas vezes moradores fixos. De outro lado, os visitantes podem atrair mais famílias Dení para fixar-se aqui no Marrecão.

É muito cedo para dizer se a emigração à aldeia Marrecão continuará. Entretanto, a atração que a pista aérea exerce é forte. Em março último, o chefe da aldeia Dení no Igarapé do Índio chegou ao Marrecão e pediu um vôo médico a Porto Velho para seu filho que caíra duma árvore 15 dias antes e machucara seriamente a bacia. Após o retorno dele e de seu filho de Porto Velho, é possível que o chefe encorajará seu povo a descer o Cunhuá para estar mais perto de tal auxílio médico urgente . Se isto acontecer, a população Dení em redor do Marrecão aumentará em 50%, em curto período de tempo.

A vida nômade dos Dení cria muitos problemas para o desenvolvimento comunitário: 1º - a taxa da população está sujeita à rápida flutuação quando as pessoas vão e voltam, livremente; 2º- os projetos de desenvolvimento comunitário podem ser deixados sem pessoal no local ou pessoal treinado pode deixar técnicas e equipamentos com eles; 3º - a aldeia, sendo meramente uma agregação de agrupamentos familiares, não tem uma unidade inerente em si mesma. Os chefes são essencialmente líderes dos seus agrupamentos e não da aldeia como um todo. Nossa presente evidência faz lembrar que a aldeia Dení no Igarapé do Índio tem somente 6 famílias constituindo um agrupamento familiar, como na realidade começou a aldeia Marrecão.

O planejamento do Desenvol. Comunitário, por isto, deve tomar em consideração o nomadismo como um fato da vida Dení e incorporar estratégias que estejam à altura da população que permanece. A possibilidade da aldeia do Marrecão se dissolver totalmente é quase desprezível, mas o fato de que sua população continuará a fluir é inevitável. Alguns dos moradores parecem mais "permanentes" que outros e es-

ses podem fornecer o mais importante núcleo no qual os projetos de desenvolvimento comunitário deviam estar focalizados.

RECONSIDERAÇÃO DOS PROJETOS CIDA

Produção de farinha para venda

A produção de farinha a ser negociada com o patrão e regatões ainda não iniciou. A razão mais óbvia para tal é que as lavouras de mandioca agora começaram a produzir, enquanto escrevo este trabalho. Entretanto, o povo da aldeia até esta data não fez qualquer preparativo visando tal produção. Eles ainda não construíram a casa para proteger os tachos de torrar farinha, nem fizeram a cova de barro para o fogo concentrar o seu calor.

Uma razão à falta de preparativos é que os Dení não planejam anteriormente e não investirão trabalho até que os retornos sejam eminentes. A mandioca estará boa em julho ou agosto. Nesse período começará um trabalho árduo. Permanece, portanto, a pergunta sobre a habilidade do chefe Dení em mobilizar a comunidade pois não oferece recompensa individual direta. Uma solução a este problema será conseguir um proprietário para os tachos de torrar farinha entre os homens que organizaram a construção da casa de farinha e as covas para o fogo. Desde que os Dení definiram a venda da produção de farinha como papel do homem (segundo o modelo não-índio), os homens comprometeram-se que tal atividade iniciaria o projeto e por isto se tornaram proprietários de um recurso produtivo. Isto não restringirá o uso dos tachos, pois os índios podem usar qualquer utensílio, falando somente com o proprietário.

Uma estratégia parecida deve ser aplicada ao proprietário e ao uso das serras de madeira. Um homem que deseja cortar madeira e contruir um palanque, para fazê-lo deve conseguir a posse das serras e ensinar a técnica para cuidá-la e mantê-la. Ele então pode produzir madeira não somente para seu próprio uso, mas, se desejar pode vender aos outros.

Produção de arroz e milho

A produção de arroz e milho provou ser uma alternativa agrícola viável após um ano de produção, apesar de grande número de dificuldades terem sido observadas. A produção de milho foi tão restrita e a necessidade de alimento adequado à população aumenta tanto que o povo consumiu a maior parte da semente sem reter semente para o plantio dos próximos anos. A produção de arroz foi mais ampla e os lotes produziram maior número de grãos aproveitáveis do que o trabalho dispendido. Entretanto, a colheita de arroz foi esporádica e um número considerável de semente foi deixada nas hastes, no campo. O pessoal também falhou não retendo um suprimento adequado de semente, apesar de poder ser juntado da semente que ainda está nas roças.

Apesar dos Dení não terem experiência anterior na produção de cereais, maior treinamento tanto na produção como na colheita é essencial para que este projeto tenha sucesso. Um problema é a necessidade de elevados nutrientes no solo para a produção de cereais, e a rápida perda de nutrientes que ocorrem em lavouras tropicais, úmidas. Alguns testes experimentais na área Marrecão são necessários para de-

terminar quais as mais viáveis estratégias de produção e conservação para o programa agrícola Dení, em geral.

Duas alternativas valiosas a serem testadas futuramente são rotação de culturas e agricultura na enchente da planície. Primeiramente os Dení experimentarão plantar uma nova lavoura somente com duas variedades de milho durante o 1º ano e mandioca no 2º ano. Isto trará um ano de produção à vida da lavoura, antes que se permita o crescimento da floresta e ainda continua a produção de mandioca que exige menos do solo e das lavouras durante um período de dois anos.

Em segundo lugar, partes do terreno adjacente ao Marrecão estão submersas durante vários meses da estação chuvosa, cada ano. Uma parte desta terra foi limpa, bem como parte da área próxima à pista de avião. No ano seguinte à limpeza de terreno, lotes experimentais de milho e arroz puderam ser plantados imediatamente após o escoamento das águas da enchente. Se essas colheitas produzem bem e podem ser colhidas completamente antes da enchente da área na próxima estação chuvosa, a fertilidade do solo pode ser restaurada parcialmente em cada estação de enchentes. Se isto for prático, a plantação na enchente deve permitir pelo menos que pequenas áreas sejam cultivadas com arroz e milho. Ambas as colheitas têm valor comercial e de subsistência.

Árvores Frutíferas Cítricas

A produção de frutas cítricas está estabelecida como premissa na fixação de residência a longo prazo.

A maioria das árvores não produzirão significantes quantias de frutas até que tenham mais de 5 anos de crescimento. Por causa do nomadismo dos Dení e pela facilidade que mudam de local quando suas lavouras estão muito distantes de suas casas, essas árvores começarão a produzir apenas antes que a aldeia seja fixada em outra parte. Nesse caso, há o perigo que essas árvores sejam tragadas no novo crescimento da floresta.

Uma alternativa para prevenir tal acontecimento é de transformar a localização da velha aldeia em pasto. Se o projeto de gado for implementado, o gado pastando em redor das árvores servirá para diminuir o crescimento da floresta e assegurar um contínuo acesso e produção das árvores. Outra alternativa, se a agricultura na enchente da planície for satisfatória, será a de plantar árvores nas extremidades dessas lavouras, sobre as águas da enchente, todavia adjacentes às áreas que estão sempre limpas. A terceira alternativa deve ser a de usar áreas perto da pista de avião e localizar partes para o plantio das famílias.

Produção Suína

A introdução de porcos é um dos mais práticos e urgentes aspectos do programa do CIDA. A procura Dení em busca de carne aumentará rapidamente quando a caça selvagem se tornar muito escassa. Os Dení durante muito tempo mataram porcos selvagens e gostam da gordura de porco tanto quanto da carne. Além disso, os porcos se reproduzem rapidamente e se forem alimentados adequadamente crescem rapidamente, for

necendo um seguro suprimento de carne, Os porcos também são pequenos, de modo que podem ser transportados facilmente e vendidos antes de serem abatidos. Entretanto, alguns preparativos anteriores são aconselhados para a introdução dos porcos. Os homens devem construir abrigos resistentes para protegê-los de morcegos e animais que destroem. As lavouras devem ser suficientemente grandes e ter colheitas apropriadas para suprir os alimentos. A questão da propriedade e distribuição das crias deve ser organizada, seguindo os procedimentos Dení, já reconhecidos. A propriedade inicial dos porcos deve ser dada àqueles homens que constroem abrigos adequados para abrigá-los. A gente não deve acreditar, entretanto, que os homens vão cuidar dos porcos. A alimentação e demais cuidados serão feitos pelas mulheres e os homens se ocuparão muito pouco deles, até que eles os carneiem.

Para assegurar uma entusiástica participação dos Dení neste projeto, é aconselhável conservar as exigências razoavelmente simples e os retornos razoavelmente imediatos. Amarrar porcos requer menos trabalho inicial do que construir chiqueiros e ao correr do tempo é mais prático. Se os porcos estão acostumados a ficar amarrados, eles facilmente podem ser transportados a diferentes lugares para forragem, sem deixá-los correr selvagememente através da aldeia. Além disso, se a aldeia for reconstruída dentro de poucos anos, a mudança de todos os animais amarrados requererá menos trabalho do que o requerido para os chiqueiros. Quando eles são amarrados, isso também permite uma distribuição mais ampla de propriedade e responsabilidade. Mesmo as crianças podem ser donas e também alimentar um porco preso, ao passo que os chiqueiros requerem centralização e exigem maior responsabilidade de trabalho.

Uma estratégia parecida deve ser aplicada ao proprietário e ao uso das serras de madeira. Um homem que deseja cortar madeira e construir um palanque, para fazê-lo deve conseguir a posse das serras e ensinar a técnica para cuidá-la e mantê-la. Ele pode então produzir madeira, não somente para seu próprio uso, mas se desejar, pode vender aos outros.

Produção de arroz e milho

A produção de arroz e milho provam ser alternativa agrícola viável após um ano de produção, apesar de grande número de dificuldades terem sido observadas. A produção de milho foi tão restrita e a necessidade de alimento adequado à população aumenta tanto que o povo consumiu a maior parte de semente, sem reter semente para o plantio dos próximos anos. A produção de arroz foi mais ampla e os lotes produziram um retorno maior em grãos aproveitáveis do que o trabalho dispendido. Entretanto, a colheita de arroz foi esporádica e um número considerável de grãos foi deixado nas hastes, no campo. O pessoal também falhou não retendo um suprimento adequado de semente, apesar de que pode ser juntado do grão que ainda está nas roças.

Apesar dos Dení não terem experiência anterior na produção de cereais, maior treinamento, tanto na produção como na colheita é essencial para que esse projeto tenha sucesso. Um problema é a necessidade de elevados nutrientes no solo para a produção de grãos e a rápida perda de nutrientes que ocorrem em lavouras tropicais,

limpas. Alguns testes experimentais na área Marrecão são necessários para determinar quais as mais viáveis estratégias de produção e conservação, utilizando poucas pessoas. Os chiqueiros certamente serão necessários se as pessoas começarem a criar um grande número de porcos, mas isto provavelmente não acontecerá dentro dos próximos anos.

Produção de Gado

A produção de gado é o único desses projetos que oferece ao homem uma alternativa viável à caça. A criação da carne bovina é basicamente um trabalho do homem, que requer um investimento extensivo de trabalho pesado no preparo de cercar pastagens e numerosos serviços de manutenção que requerem destreza masculina e leva os homens fora da aldeia. Complementando o trabalho, o trato do rebanho bovino tem uma longa associação histórica com prestígio masculino. Os Dení certamente copiarão algumas dessas idéias se eles estão expostos à elas. A popularidade de rodeios entre os índios norte-americanos é um exemplo principal de tal transferência cultural.

Entretanto, a produção de gado requer tanto trabalho preparatório e treinamento técnico que parece inadequado o desenvolvimento deste projeto como está previsto para os Dení. A primeira objeção é que os Dení não têm absolutamente idéia de como desenvolver pastagens. A segunda objeção é que dado o investimento de tanto tempo e de trabalho, os resultados demoram 5 anos antes que os primeiros animais sejam abatidos para fornecerem carne. A terceira objeção é que o trabalho cooperativo é necessário, mas a propriedade deve ser individual. Os proprietários de gado não terão nada a ver com retribuição dos seus trabalhadores.

As cabras oferecem uma alternativa imediata ao gado e também treinarão os Dení para maiores serviços no desenvolvimento da pecuária. Cabras oferecem um grande número de vantagens. Elas podem ser amarradas, não precisam de pastagens cercadas e podem comer, tanto folhas como grama. Cabras se reproduzem rapidamente e podem ser abatidas dentro de um ano. Produzem leite e com isto treinam as mulheres Dení a tirar leite e nos usos do mesmo. A carne de cabra é parecida com a de veado, a que os Dení estão acostumados e pode ser vendida aos não-índios sem ser abatida. Com as cabras, os Dení podem começar a construir abrigos (currais) para rebanhos, limpeza e plantação da pastagem e aprendendo técnicas gerais de pecuária e podem ver os resultados imediatos de carne para recompensa dos seus esforços. Quando esses investimentos básicos estão completos, as novilhas podem ser acrescentadas ao rebanho de cabras e o projeto de gado, a longo prazo, será absorvido num amplo programa de criação animal.

Essa mudança gradual tem outra vantagem. Espaçando esses projetos durante um longo período, dá oportunidade ao homem de ir ao encontro de suas obrigações com o patrão não-índio. Quando sua independência econômica aumenta, algumas pessoas devem escolher e servir os vínculos do patrão, mas durante um longo período aquele patrão pode adaptar ainda mais as estratégias econômicas deles.

CONCLUSÕES

Dadas as modificações propostas acima, o projeto CIDA fornece alternativas econômicas valiosas aos Dení para ir de encontro a seus desejos e necessidades. Durante o mesmo período, algumas considerações muito importantes não fizeram parte daquele programa. O desenvolvimento comunitário não é somente um problema econômico. É necessário considerar o contexto geral da comunidade, tanto nas dimensões internas como nas externas.

A mais importante questão para os Dení do Marrecão é a questão sobre a qual ainda não fizeram perguntas: A quem pertence a terra onde moram? A lei da fronteira brasileira diz que pertence ao homem que chega primeiro. Sob tais leis, a terra onde os Dení moram pertence a um dos seus patrões. A lei da nação sustenta que este território pertence ao governo. O ponto significativo é que pelos dois critérios, os Dení não são proprietários de nada.

Isto projeta uma dúvida sobre qualquer programa de desenvolvimento econômico porque os Dení não têm segurança a longo prazo no território. Quando a nação começa a construir estradas nessa região, é inevitável uma invasão de fazendeiros e especuladores de terra que vão conquistar o território, e os Dení não terão terra legítima para onde fugir. Um investidor rico com influência governamental poderia deslocá-los com facilidade e os anos de investimento no aldeamento permanente podem se dissipar em curto período de tempo. A questão da fixação à terra é por isso o mais urgente item da agenda do desenvolvimento comunitário. Se esta questão não for resolvida pela FUNAI e dentro da estrutura legal da nação, o programa total de desenvolvimento comunitário e a segurança econômica dos Dení estão em perigo a longo prazo.

A segunda área da necessidade cultural é a educação comunitária. Os Dení já são participantes de uma economia que lida com dinheiro, que eles não entendem. Eles precisam dum programa de impacto para a educação dos adultos, onde são ensinados números básicos, adição e subtração e o valor relativo e o uso do dinheiro. Sem estas habilidades, eles sempre serão logrados nas suas transações econômicas externas, quer trabalhem ou não para o patrão, quer sejam economicamente independentes.

Outra necessidade educacional importante está na área de saúde pública. Os Dení estão muito preocupados com sua própria saúde e a saúde dos seus filhos, mas não têm idéia como prevenir muitas das suas doenças, através de cuidados sanitários e outras medidas. Treinamento de como prevenir a saúde é essencial. Os Dení são receptivos a conselhos de fora e seriam mais ainda, se alguns do seu próprio povo fossem treinados como médicos especialistas e desse modo, reforçariam a opinião dos de fora. Um bom candidato ao papel de médico é o pajé da aldeia. Ele já é reconhecido como conhecedor de problemas médicos e as pessoas respeitam sua opinião. Ele já cooperou com o autor (GK) em vários assuntos e reiterou publicamente alguns dos conselhos de GK lidando nos conflitos entre aldeias. O encargo dos cuidados médicos, até o momento, tem ficado com GK, mas quando está fora, os Dení não tem nenhuma assistência. Um médico treinado com um suprimento valioso de remédios à disposição será inestimável aos Dení e aliviaria o lingüista de muito trabalho médico rotineiro, quando está na aldeia.

Educação na utilização dos recursos também trará benefícios a longo prazo aos Dení. Contanto que os Dení continuem seu ciclo de mudança de aldeamento, seus métodos de exploração não são desastrosos ecologicamente. Cortar árvores para colher os frutos não extinguirá as espécies porque os aldeamentos estão muito distantes. Esses mesmos métodos, entretanto, empregados num aldeamento permanente trazem consequências desastrosas a longo prazo. Os Dení, bem como os não-índios do local precisam aprender as técnicas seletivas de exploração de recursos e estratégias para conservar e replantar recursos que podem ser consumidos. Por exemplo, a madeira serrada pode-se tornar uma importante indústria Dení, se as madeiras que eles cortam forem replantadas. As estratégias correntes são somente extrativas. Quando os Dení obtiverem o título de proprietários para o seu próprio território delimitado, esses princípios serão então mais importantes.

Finalmente, a população crescente na aldeia do Marrecão e a maior permanência na aldeia resultaram em tensões sociais e conflitos que no passado muitas vezes ocorreram. A organização social Dení operou no passado sob o princípio da divisão. Quando as comunidades se tornaram maiores e os conflitos internos aumentaram, os agrupamentos familiares se dividiram e estabeleceram uma nova aldeia em outra parte da floresta. A agregação dos agrupamentos em aldeias maiores contraria esse princípio de resolução de conflitos e força a habilidade da comunidade a controlar o comportamento anti-social.

Durante longo período, o desenvolvimento comunitário teve que fazer algum esforço para ajudar os Dení a fixa sua organização social presente e a desenvolver instituições e procedimentos que melhor definam os interesses e expectativas da comunidade e resolver conflitos inter-pessoais. No momento, a aldeia Dení do Marrecão não é totalmente uma comunidade, mas antes um conjunto de agrupamentos familiares. O objetivo óbvio do desenvolvimento comunitário é ajudar os Dení a criar uma comunidade genuína viável, onde todos possam cooperar visando objetivos comuns e viver em paz um com o outro.

APÊNDICE I - PROJETO CIDA - Administrado por GK

<u>Projeto</u>	<u>Custo unitário</u>	<u>Transporte</u>
1. máquina de costura	\$ 150,00	\$ 25,00
tecidos, linha, botões elástico	107,00	
Total do projeto da máq.costura	\$ 285,00	
2. 2 chapas de torrar mandioca	145,66	
ralador de mandioca	50,00	16,00
Total do projeto da mandioca	\$ 211,66	
3. 3 serras de serrar madeira	75,00	14,50
Caixas para depósito	40,00	1,50
Total do projeto de serras	\$ 131,00	
4. Ferramentas para jardinagem		
2 plantadeiras, semente	40,00	3,00
moedor de grão	25,00	8,50
descascador de arroz	37,50	10,00
Total do projeto de jardinagem	\$ 285,00	
5. Ferramentas para carpintaria		
1 rebolo	18,75	3,00
2 martelos, 1 enxó, 1 terçado, 1 serra manual 1 plaina manual, 2 alicates 2 chaves de fenda, 1 arco de pua e 4 brocas, 10 quilos de pregos	120,00	18,80
Total do projeto de carpintaria	\$ 152,55	
6. Projetos agrícolas		
a. projetos de gado		
2 novilhas tenras*	\$ 250,00	\$ 160,00
20 rolos de arame farpado	280,00	126,00
1 cavador de terra	7,00	2,00
11 terçados	37,50	3,00
11 pares de botas	55,00	3,00
7 machados	28,00	10,00
10 pedras de amolar	12,50	1,00
6 chibancas	44,00	9,00
Total do projeto de gado	\$ 1.028,00	

<u>Projeto</u>	<u>Custo unitário</u>	<u>Transporte</u>
Projetos agrícolas (cont.)		
b. produção de porcos		
2 porcos*	40,00	48,00
remédios e suprimentos	9,00	1,00
Total do projeto suíno	\$ 98,00	
c. Árvores frutíferas		
10 laranjeiras enxertadas		
3 torangas "		
8 abacateiros	50,00	250,00
Plástico p. embrulho	5,00	
Total do projeto de árvores	\$ 305,00	

* A serem entregues aos Deni depois que eles completarem os preparativos:
construção de chiqueiros e currais e plantio próprio para sua alimentação.

NOTAS:

1. A pesquisa deste trabalho foi feita por Gordon Koop sob os auspícios do SIL. GK começou uma pesquisa lingüística e antropológica com os Dení em Abril de 1975 e desde então, completou 2 anos de estudo da língua e 10 meses de residência com os Dení do Marrecão. SGL acompanhou GK em fevereiro de 1975 durante 2 meses na análise intensiva de dados e escrevendo a organização social e política dos Dení e sua importância para o desenvolvimento comunitário. SGL é o autor principal da versão inglesa e GK da versão portuguesa. Entretanto, ambos compartilham a responsabilidade pela análise de dados e conclusões.

Referências:

- Koop, Gordon e Sherwood G.Lingenfelter
 1977a Dení Kinship and Marriage. Manuscrito não publicado
 Relações de parentesco e casamento Dení
 1977b The Socio-Political Organization of the Dení of Western Brazil.
 A organização sócio-política dos Dení do oeste do Brasil
 Manuscrito não publicado